

# JACKIE BROWN / 1997

*(Jackie Brown)*

um filme de Quentin Tarantino

**Realização:** Quentin Tarantino / **Argumento:** Quentin Tarantino, segundo a novela "Rum Punch" de Elmore Leonard / **Fotografia:** Guillermo Navarro / **Direcção Artística:** David Wasco / **Montagem:** Sally Menke / **Intérpretes:** Pam Grier (Jackie Brown), Samuel L. Jackson (Ordell Robbie), Robert Forster (Max Cherry), Bridget Fonda (Melanie), Michael Keaton (Ray Nicolette), Robert De Niro (Louis Gara), Michael Bowen (Mark Dargus), Chris Tucker (Beaumont Livingston), Lisa Gay Hamilton (Sheronda), Tommy "Tiny" Lister Jr. (Winston), Hattie Winston (Simone), etc.

**Produção:** Lawrence Bender, para Miramax / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 151 minutos / **Estreia Mundial:** Dezembro de 1997 / **Estreia em Portugal:** Amoreiras, Monumental, Fonte Nova, Londres, Quarteto, em 24 de Abril de 1998.

## ***A sessão tem lugar na Esplanada***

Quem viu os filmes anteriores de Quentin Tarantino pode sentir-se defraudado face a este **Jackie Brown**. Dos seus sinais de marca não reconhece praticamente nenhum, excepto num ou outro momento de diálogo. Neste caso o do começo que nos mostra Ordell (Samuel L. Jackson) e Louis Gara (Robert De Niro) face ao televisor vendo a série de *spots* de publicidade às metralhadoras ligeiras. Os comentários de Ordell parecem ser a recitação de uma fórmula, como Melanie (Bridget Fonda) não se esquece de sublinhar venenosamente para Louis nessa mesma sequência. Talvez não seja por acaso que tal sucede, e que suceda exactamente ao começo. Como se Tarantino quisesse dar imediatamente uma piscadela de olho ao espectador com esta auto-citação, para de imediato se lançar noutra caminho, como se dissesse "Vamos lá falar agora de coisas sérias". **Jackie Brown** surge, deste modo, como o trabalho mais importante do realizador, representando uma espécie de superação de uma fase de adolescente entusiasta para o da maturidade do adulto. A transição é aqui feita com a entrada em cena da personagem de Max Cherry, talvez o mais fascinante da já razoável galeria criada por Tarantino. Se, como se sabe, o filme foi feito em homenagem a Pam Grier e para ela, é Max quem acaba por dominá-lo, contando para isso com a prodigiosa interpretação minimalista de Robert Forster (que foi o soldado que assombrava Marlon Brando em **Reflections in a Golden Eye/Reflexos Num Olho Dourado** de John Huston e o repórter televisivo de **Medium Cool/América América Para Onde Vais?** de Haskell Wexler), e que pessoalmente acho que foi alvo da mais clamorosa injustiça não alcançando o Oscar para que fora nomeado. Com ele Tarantino introduz também uma mudança de estilo, um olhar mais reflexivo e contemplativo sobre as pessoas e as coisas, que contrasta com a violência visceral a que nos habituara. Se esta continua presente, acontece apenas de longe ou com rapidez. Nada das prolongadas agonias que se acompanhavam em **Reservoir Dogs** e **Pulp Fiction**.

Os filmes anteriores de Quentin Tarantino (**Cães Danados** e **Pulp Fiction**) impuseram uma imagem do realizador que **Jackie Brown** se arrisca a decepcionar os seus admiradores, pelo menos aqueles que esperam uma nova manifestação de bulimia discursiva e uma série de momentos fortes e provocantes (tanto no que se refere a linguagem cinematográfica, como à citação/subversão de clássicos do cinema). Não que eles estejam ausentes de **Jackie Brown**, mas quando surgem é de forma muito mais contida, menos provocante e mais espontânea,

integrada na acção ou resultante de um comportamento particular. Neste último caso a cena mais sugestiva deste filme de Tarantino é a morte de Bridget Fonda, surpreendente pela forma como aparece mas inteiramente justificada pelo carácter da personagem de Robert De Niro, que durante quase todo o filme se comporta como um zombie, fechado sobre si mesmo, o que anuncia sempre uma explosão possível e imprevista.

E, no entanto, **Jackie Brown** é o filme mais perfeito de Tarantino, ou melhor, o filme da maturidade de um autor, aquele que nos mostra que ele é definitivamente um dos nomes mais importantes (ao lado de um Cronenberg, um Lynch e um Scorsese) do cinema contemporâneo, e que **Cães Danados** e **Pulp Fiction** surgem hoje como esboços (magníficos, sim, mas esboços) a traço grosso de uma linguagem nova que aqui se depura de grande parte dos seus excessos. Há um momento no filme que é um prodigioso indicativo dessa depuração formal: a execução de um dos cúmplices de Ordell (Samuel L. Jackson) que praticamente é resolvida em dois longos planos, um apoiado exclusivamente na palavra, num plano médio em que Ordell convence a vítima a prestar-lhe o favor e a entrar no porta-bagagens do carro, o outro eminentemente visual, que começa com um movimento de grua para cima e se mantém fixo enquanto o carro anda às voltas, Ordell sai dele e dispara sobre o outro. Este último plano poderia transformar-se num "pastiche" do celeberrimo plano-sequência de abertura de **A Sede do Mal/Touch of Evil** de Orson Welles (1958) nas mãos de um realizador-cinéfilo como é Tarantino, mas, surpreendentemente, Tarantino não entra no jogo, preferindo um olhar plano e sereno, de uma testemunha afastada, em vez do de um participante eufórico. A recusa do efeito fácil não se encontra apenas aqui. Todo o filme evita as habituais incursões pela violência explosiva que Tarantino fora buscar, em tom de "pastiche" mas também de paródia, aos filmes de John Woo. Esta depuração formal é sublinhada *a contrario* pela sequência do centro comercial e do roubo do dinheiro, vista de vários ângulos diferentes que correspondem às diversas personagens que participam na acção. É a mais estilizada das cenas e a que se apoia quase toda num artifício, como se não conseguindo encontrar a forma narrativa perfeita Tarantino optasse pela solução mais fácil de se auto-citar (**Cães Danados**) ou aos clássicos (um magnífico episódio que Hitchcock dirigiu para a sua famosa série televisiva em que um acidente de automóvel é visto de vários ângulos diferentes, por testemunhas diferentes que se contradizem). Todo o resto do filme tende a uma depuração que exclui qualquer momento a mais numa narrativa encenada de forma coreográfica (como os outros filmes de Tarantino), onde as personagens se cruzam segundo movimentos que ao começo parecem aleatórios mas que acabam por se revelar integrados numa lógica implacável, que, no fim de contas, é a da própria manipulação dos acontecimentos. De certo modo, Jackie Brown é uma "realizadora", preparando minuciosamente o seu plano e sabendo contar e jogar com o "imprevisto", como o realizador Tarantino.

Se na forma Tarantino se depura e aperfeiçoa, há outra característica que, essa, permanece imutável: o seu sentido de "casting" e a direcção de actores. Tarantino não é apenas um criador de tipos no cinema, é também o mais hábil e perspicaz na escolha dos actores que se lhe adaptam, jogando, inclusive, no contraste com a imagem que deles é conhecida. Que se recorde o que fez a Travolta em **Pulp Fiction**, abrindo-lhe as portas a uma nova carreira. Mas esta foi a consequência mais visível. Tarantino, neste campo, joga mais abertamente com a sua cinefilia, indo buscar actores e atrizes quase esquecidos que nos seus tempos foram ícones em determinados géneros. Um Lawrence Tierney vindo do filme "negro" de série B dos anos 40 em **Cães Danados**, uma Pam Grier e um Robert Forster que tiveram os seus momentos de glória nos anos 60 em **Jackie Brown** (todo o filme, aliás, é uma homenagem a essa atriz de filmes de "negros" dos anos 60, Pam Grier, por quem Tarantino professa uma verdadeira veneração, manifesta logo no longo plano de abertura do filme). Mas a memória (e homenagem) é apenas complementar do trabalho de direcção de Tarantino, que parece insuflar neles uma nova vida. O caso de Forster é o mais prodigioso de todos. Há muito que não se via um "underplaying" de tal forma sugestivo e de efeito hipnótico sobre o espectador. O trabalho de Forster (e o de Tarantino) é daqueles que marcam a história do cinema.

Manuel Cintra Ferreira

